



ESCRITOS SAÍDOS DO ARMÁRIO: CORRESPONDÊNCIA ÍNTIMA, ESCRITA DE SI E IDENTIDADE DE GÊNERO

Durval Muniz de Albuquerque Júnior *
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
durvalal@hotmail.com

RESUMO: Neste texto abordo os cuidados teóricos e metodológicos que o historiador deve ter ao utilizar cartas pessoais como documentos históricos, ao mesmo tempo em que ressalto a importância de fontes como essa para a escrita da história, notadamente, quando se trata de temas e personagens comumente negligenciados ou silenciados pelos documentos e arquivos públicos e oficiais, como é o caso dos amores e amizades homoeróticos e de personagens homossexuais. Chamo atenção ainda para os limites e os cuidados éticos que o uso desse tipo de fonte requer da parte do historiador. Abordo, ainda, como o gênero epistolar permite tratar de temas como a escrita de si e a identidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Cartas – Homoerotismo – Teoria e metodologia da história – Ética

WRITING OUT OF THE CLOSET: INTIMATE CORRESPONDENCE, SELF-WRITING AND GENDER IDENTITY.

ABSTRACT: In this text, I approach the theoretic and methodological cares that the historian must have while using personal letters as historical documents. At the same time, I emphasize the importance of fonts, as this one, for the composition of the history, especially when we deal with themes and characters, which are commonly neglected or silenced by the documents and public/official files, as in cases of loves and homoerotic friendships, as well as homosexual characters. I also call the attention to the limits and the ethical cares that the use of this type of font require from the historian. I also broach how the epistolary gender permits to deal with themes as the self-writings and the gender identity.

Keywords: Letters – Homoerotism – Theory and methodology of the history – Ethics.

* Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Quarta-feira, dia 22 de outubro de 1890, à bordo do navio Britânia, em viagem com destino a Paris, onde reiniciaria seus estudos na área do Direito, o poeta português António Nobre escreve uma carta endereçada a Alberto de Oliveira, que também iniciava sua carreira como escritor. Nesta carta podemos ler trechos como este:

Meu Alberto, como dava de boa vontade mil horas da minha vida, para que uma só estivesse ao pé de mim, não em sombra como ali te vejo, mas em Carne e Alma, tal qual como nos tempos em que consigo pisei a terra do Planeta, feliz e infeliz. Ah, sinto agora bem quanto é grande a minha Amizade por ti, maior do que Amor, quase Adoração: não são Toyanas¹ estas palavras Alberto, são sinceras, são humanas, são profundas! Tu passaste desde hoje a ser o santo da minha devoção: que pena ter a tua imagem lá no fundo da mala, entre outras de emigrados, na cova do porão. Santo Alberto... Olha, ainda a bocadinho, ao cabo do jantar, quando o criado ao servir-me chá me perguntou: “Milk also?” eu respondia “No”, mas logo refletindo, pensando em ti, tornei “Milk, yes!” Bebi leite e por isso me sinto tão bem: é que a tua Alma anda a ungir-me toda diluída, as minhas entranhas.² Quando ao deixares os meus braços, seguiste Tejo acima, como fiquei aniquilado: não pude dizer-te uma palavra ao menos – o “Adeus”, que um nó mais forte que minha voz apertava a garganta e, então, pela primeira vez compreendi a eloquência de um lenço agitado para o largo.³

Nesta mesma carta, escrita ainda no primeiro dia da viagem, ficamos sabendo que António Nobre e Alberto de Oliveira haviam combinado escreverem diários onde registrariam o que fizessem, o que pensassem, o que sentissem, durante todo o período de distanciamento, até que pudessem novamente se reencontrar. Escreve Nobre a certa altura da carta:

Deixa-me ser simples, todo eu, e amanhã prometo-te começar o meu diário tal como foi por nós combinado, sempre e sempre, sem interrupção, até ao dia grande em que te tiver de novo em meus braços, numa efervescência de alegria e lágrimas.⁴

Diante de uma documentação como esta alguns historiadores, antropólogos e, principalmente, militantes políticos e sociais não hesitariam em afirmar que estamos

¹ Refere-se a António Homem de Melo, apelidado pelos íntimos de Toy, amigo do poeta, que teria tendência para superlativar sentimentos, nem sempre sentidos.

² O leite era para Nobre o símbolo do puro, do bom, do natural.

³ MARQUES, Fernando Carmino. **António Nobre, em Paris, só: correspondência**. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 37-38.

⁴ Ibid., p. 38-39.

diante de uma relação homoafetiva, de um caso de homossexualidade.⁵ Os indícios, sinais, evidências seriam por demais explícitas, nos permitindo afirmar que António Nobre e Alberto de Oliveira tiveram uma relação de conotação homoerótica. Partindo dos valores e modos de ver e perceber as relações de amizade, de afeto e sexuais de nosso tempo, parece óbvio que os laços afetivos que ligaram os dois intelectuais portugueses extrapolam aqueles que atribuímos a uma amizade masculina. Mas será mesmo que estamos autorizados a fazer este tipo de afirmação? Quais os dilemas e problemas que o historiador enfrenta ao se utilizar de uma documentação como cartas e diários íntimos, que a princípio não foram escritas para se tornarem públicas? Quais os limites éticos e de interpretação devem ser observados pelo historiador na hora de utilizar este tipo de documentação? Quais os cuidados metodológicos que devem ser observados no momento em que lançamos mão desta modalidade de fontes? É o que pretendo discutir neste texto.

Para tentar responder as questões que coloquei acima vou percorrer um caminho metodológico que proponho como sendo o mais adequado na hora de lidarmos com este tipo de fontes, ou seja, o próprio movimento de análise que farei se coloca como uma maneira de responder as indagações que busco responder. Inicialmente proponho que atentemos para a própria materialidade do documento, em sua dupla dimensão, ou seja, enquanto texto e enquanto elemento de um arquivo. Na qualidade de um texto escrito é preciso que façamos um análise de seu discurso, prestando atenção nos conceitos que o sustentam, nas imagens que o compõem, nos enunciados que o constituem, nas estratégias narrativas aí presentes, nos lugares de sujeito e de objeto que são aí encenados e distribuídos. Na qualidade de elemento de um arquivo é preciso se perguntar em que estratégias de arquivamento esteve inserido tal documento. Qual o estatuto deste arquivo? Como ele chegou até o nosso conhecimento? Quem o constituiu e com que finalidade? Por quais operações de elaboração ele passou? Como este documento está relacionado com os demais que compõem o arquivo? Ele constitui uma singularidade ou uma regularidade quanto a seu discurso e forma? Fazer estas perguntas sempre atentos para o que estas análises nos permitem afirmar ou não acerca do problema colocado: estamos diante de uma relação homoafetiva?

⁵ Imagino, por exemplo, que o historiador, antropólogo e militante da causa homossexual Luiz Mott não hesitaria, a partir destes indícios, tal como recorrentemente faz em relação a outros personagens, em afirmar o caráter homossexual desta relação. Ver, por exemplo: MOTT, Luiz. **Escravidão, Homossexualidade e Demonologia**. São Paulo: Ícone, 1988.

Num segundo momento é fundamental abandonarmos o documento em específico, a sua materialidade e do arquivo em que se insere, e tentarmos situar este arquivo e este documento em seu tempo e espaço, verificar a sua relação com outros arquivos e textos da mesma natureza, articulá-lo aos processos históricos mais gerais, desde a formação discursiva, às regras de produção de textos e arquivos que funcionaram neste tempo e lugar, até aos acontecimentos no campo das formas de pensar, das sensibilidades, ou seja, às mudanças culturais que se estão operando neste momento e, em especial, no campo das relações de gênero, das relações familiares, afetivas e sexuais, atentando para os dispositivos que articulam em torno dos corpos, neste momento, dados saberes e poderes. Proponho, pois, que qualquer afirmação que venha a ser feita a partir de documentos como cartas e diários íntimos parta de uma análise que comece pela própria singularidade da fonte, do seu percurso até o arquivo e até o nosso tempo e termine por tentar entendê-la mediante sua inserção na trama histórica de seu próprio tempo, na articulação com outra modalidade de fontes e de informações. Não creio que este percurso de análise seja em si mesmo original, pois creio que qualquer documento histórico se constitui enquanto tal ao ser submetido pelo historiador a estas operações, mas é durante a realização do percurso mesmo que a singularidade dos dilemas e problemas colocados por esta natureza de fonte vão se tornar mais perceptíveis.

Começemos então a nossa leitura pelo texto mesmo da carta. Com que palavra, com que conceito António Nobre define a relação de afeto e o sentimento que nutre por Alberto de Oliveira? Usando, inclusive, a inicial maiúscula para dar um sentido de essencialidade, de excepcionalidade a este sentimento, tornando-o uma espécie de entidade, ele o nomeia de Amizade. E faz questão de qualificar esta Amizade, de definir este seu sentimento, ao dizê-lo maior do que o Amor e próximo da Adoração. Para reforçar esta imagem de que o que sente pelo amigo é uma Amizade que é quase Adoração, atribui ao amigo o lugar de sujeito de Santo, Santo Alberto, aquele que é objeto de sua devoção. António Nobre sob o impacto da separação recente, passadas apenas seis horas desde que vira o amigo caminhar pela beira do Tejo, sem ter tido coragem de sequer dizer-lhe adeus, apressando a despedida para não fazê-la mais dolorosa, com o resto de calor do amigo ainda entre os braços, tendo a sua lembrança, a sua sombra, como companhia, até na hora de engolir o intragável menu, tenta aquilatar e definir o que sentia por Alberto. Agora que ele era apenas um vulto imaginado no convés e um retrato guardado na mala do porão do navio ele se dá conta de quão intenso é o que sente pelo

amigo e busca figurá-lo em palavras. Ele parece tentar definir para Alberto, mas em grande medida também para si, o que sentia pelo jovem cinco anos mais novo do que ele, pelo adolescente de cabelos loiros e cacheados que conhecera com quinze anos, quando já contava com vinte e um anos. E ele define como sendo Amizade, uma amizade muito especial pois maior do que o Amor, e similar a Adoração, a devoção que se vota a um santo. Ora, nós historiadores podemos desconhecer os conceitos com que dada empiricidade ou dado aspecto de uma realidade histórica foram descritos, em seu próprio tempo? É aceitável que nos utilizemos de conceitos do nosso tempo para nomear algo que foi descrito, identificado, figurado, classificado, significado no passado através de outros conceitos? Seria aceitável que atribuíssemos ao par António Nobre e Alberto de Oliveira um sentimento que nunca enunciaram terem sentido, mesmo em seus escritos mais íntimos? Se Nobre define seu sentimento como sendo maior do que o Amor e o nomeia de Amizade podemos nós, hoje, dizermos que o que António sentiu por Alberto foi amor?

Neste momento da análise me parece não só arriscado, como inaceitável que esse tipo de afirmação seja feita, pois é preciso não só atentarmos para os conceitos com que uma dada época se define e com os quais os sujeitos que nela vivem definem o que fazem, pensam e sentem, como é preciso nos perguntar a que tipo de sentimentos e práticas conceitos como Amizade e Amor recobrem em cada momento histórico. Estes conceitos recobrem e significam experiências distintas, dependendo da época de que tratemos. Sabemos que as amizades masculinas nem sempre foram vivenciadas, definidas, vistas e ditas da mesma forma. Talvez seja este o caso, mas deixemos para tratar deste aspecto mais adiante quando abordarmos as condições históricas de possibilidade deste discurso.⁶ Voltemos então ao discurso mesmo.

Se num primeiro momento ele procura definir o que sente por e para Alberto, que tipo de sentimento nutre por ele, fazendo questão de afirmar que suas palavras são sinceras, são humanas, são profundas, não se tratam de nenhum exagero, que não estava dando ares superlativos ao que sentia, como era comum ao amigo que possuíam em comum, o popular Toy, não estava fazendo, portanto, nenhuma Toyana, mas uma confissão verdadeira e bem medida de seus sentimentos, num segundo momento parece

⁶ As noções de Amizade e Amor já foram tratadas em sua historicidade por obras como: MACFARLANE, Alan. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Cia das Letras, 1990; DEL PRIORI, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005; BUFFAULT, Anne Vicent. **Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1996.

querer deixar claro as características, as formas que teria esse sentimento de Amizade. Ao lançar mão de conceitos como adoração, devoção, santidade para definir a forma como esta amizade se expressava ele parece querer assinalar o caráter espiritual que teria este sentimento. Embora deixe escapar que gostaria que Alberto estivesse ao seu pé, não só em Alma, não só na forma do seu vulto que pensara ver no convés, mas em Carne. Sonha em tê-lo, como há pouco, na despedida, novamente em seus braços, num reencontro regado a efervescente alegria e lágrimas. Mas a tônica da carta parece ser deixar clara a pureza do sentimento que os une. Em outra carta, escrita ainda a bordo do Britânia, chega a nomeá-lo de Purinho,⁷ embora fale em seu corpo desengonçado e cor de leite e demonstre saber e lembrar até da cor da “pilha” do amigo, ao dizer que não consentiria que a sua “pilha-morango” tocasse nem de leve o vergalho do pacote em que viajava, embora tivessem nascido no mesmo ano.⁸ Curiosamente o leite que é utilizado para metaforizar a cor da pele de Alberto é também escolhido para ser o que simboliza a pureza, o que representa o puro, o bom e o natural, na primeira carta escrita por Nobre ao amigo. Leite que a priori recusara, ao lhe ser oferecido pelo criado, mas que resolvera tomar ao se lembrar do ausente. Ao tomar o leite, talvez por ser um gesto que fosse comum no amigo agora distante, sente, numa espécie de comunhão cristã, a Alma de Alberto a se diluir em suas entranhas e se põe bem (ou seria o corpo cor de leite de Alberto a penetrar-lhe as entranhas o que lhe veio à mente? Só podemos fazer ilações). Poderíamos dizer que estamos diante de uma penetração imaginária, uma espécie de cópula mas uma cópula das almas através da mediação do líquido branco (que não é aquele que também costuma estar presente numa cópula), líquido que nutre as crianças, que sai dos seios sem erótica das mães, líquido da cor que na cultura portuguesa remete à pureza e que no cristianismo remete às almas das quais estão ausentes o pecado, notadamente o pecado da carne. Trata-se da enunciação não só de uma devoção, de uma adoração, mas de uma comunhão espiritual entre duas almas de amigos.

A caracterização da pureza como a qualidade que definia o tipo de relação que mantinha com Alberto talvez esteja relacionada à própria idade de seu amigo. Vivendo

⁷ Em outra carta o nomeia de Purinho de João Moca e diz admirar nele a ingenuidade, a graça, o encanto, a frescura. Diz ser ele o primeiro rapaz de Portugal e que não haveria ninguém como ele. Ver: Carta escrita por António Nobre a Alberto de Oliveira em 20 de novembro de 1891. In: MARQUES, Fernando Carmino. **António Nobre, em Paris, só: correspondência**. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 93.

⁸ Carta escrita por António Nobre a Alberto de Oliveira, em 24 de outubro de 1890. In: *Ibid.*, p. 45.

numa época em que a ideia de adolescência, como uma etapa da vida, ainda está sendo gestada, Nobre parece considerar seu amigo quase uma criança, ainda estando num estágio da vida onde as pessoas seriam isentas de qualquer maldade ou malícia, ele ainda estaria saindo da infância que, como sabemos, costuma ser associada na cultura ocidental a uma fase da vida marcada pela inocência, pela autenticidade e pela pureza de espírito, talvez por isso a sua quase santidade, a sua condição quase angelical.⁹ Ora, mas nesse passo poderíamos nos perguntar, se ao precisar afirmar em sua carta que o sentimento que os unia era marcado pela pureza, não estaria Nobre querendo convencer o outro de algo que ele próprio não estaria tão convencido assim? Não estaria respondendo antecipadamente a dúvidas que poderiam ser levantadas em relação ao caráter de seu sentimento por Alberto? Uma longa carta enviada por Nobre, posteriormente, datada de dezembro de 1891, nos permite responder afirmativamente a estas questões: nela ficamos sabendo que compusera um soneto dedicado a Alberto em que também o chamava de Santo e que o amigo o proibia de assim chamar preocupado, pelo menos assim pareceu ao poeta, que ao ser incluído no livro que Nobre estava preparando, este viesse dar margem a maus entendidos e até a calúnias, ou seja, até mesmo a afirmação de santidade parecia levantar suspeitas de que não era tão pura assim a relação entre eles, pois pela forma como Alberto reage ao gesto do amigo nos permite supor que rumores já se faziam ouvir para que demonstrasse tais temores. A resposta que Nobre envia a Alberto também fala dos cuidados que cercaria a publicação do soneto, embora duvide que ele viesse a dar margem às ditas calúnias. Ele diz:

Dizes que não consentes que te chame Santo, quer dizer que não consentes que eu publique o soneto que te fiz. Hás de consentir. Sentiria muito que o não permitisses. Se é por não te achares Santo – ouve: tens sim muitos pecados para comigo, não és tão puro como há um ano, mas contudo és mais Santo que muitos homens que eu conheço: tu e mais meu Pai. O público verá nisso o que tu mereces ou mesmo vê, uma manifestação de ternura por ti e nada mais. Receias suspeitas (calúnias?). Não te importes. Ninguém acreditaria e demais eu preciso dar um desmentido público àqueles que o fazem crer: inserindo-o no meu livro. Quero também mostrar aos demais como te considero excepcionalmente (o contrário seria muito mal visto contra mim) ao que de mim e da nossa amizade referes no argumento de teu livro. Espero

⁹ As noções de infância e de adolescência também já mereceram algumas análises históricas, ver, por exemplo: ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978; FREITAS, Marcos César de. **História social da infância no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009; LUCA, Tânia Regina de (editora). **Infância e Adolescência**. **Revista Brasileira de História**, n. 37. São Paulo: Anpuh, 1999.

que depois desta explicações não te oporás à sua publicação. Se quiseres que o modifique, modificá-lo-ei.¹⁰

Publicado na primeira edição do **Só**, o referido soneto é retirado da segunda edição, não sabemos se por causa das repercussões de sua publicação ser aquela temida por Alberto de Oliveira ou se por causa desta se dar após a ruptura entre os amigos, quando Nobre já devia ter certeza da sua não santidade. Nesta carta Nobre dá uma nova definição para o que sente por Oliveira, ou seja, ternura ou uma consideração excepcional, embora houvesse pessoas que já insinuavam outras coisas, pois Nobre se sente na obrigação de publicando o soneto responder a estas insinuações, já que Alberto parece ter feito o mesmo ao publicar seu primeiro livro intitulado **Poesias**.

Para concluir este primeiro momento da análise, em que nos detemos na materialidade e singularidade do documento mesmo, comentaremos um último aspecto do texto que nos parece relevante: a forma de tratamento escolhida para se referir ao destinatário da carta e a si próprio. Ele inicia a carta chamando-o apenas de Alberto, mas significativamente ao iniciar o segundo parágrafo da carta, em que vai falar da descoberta, neste curto espaço de tempo de ausência do outro, da intensidade e natureza de seus sentimentos por ele, o chama de “meu Alberto”, e ao encerrar a carta se despede enviando um abraço e um adeus do “teu António”. Como sabemos os dois pronomes utilizados indiciam posse, um seria do outro. Mas seriam o que um do outro? Neste momento o silêncio é eloquente. Há um não dito significativo aqui. O uso desses pronomes indiciam claramente que há uma grande proximidade entre os dois, que um pertence ao outro, que este pertencimento é de natureza afetiva, pois nada nos permite afirmar, neste momento, que este pertencimento passe também pela carne, embora em dado momento da carta saibamos que o corpo dos dois amigos estivera unidos por um abraço e que Nobre deseja a presença não só espiritual, mas carnal de seu amigo. Mas sobre a natureza desse afeto nada podemos dizer em concreto. Podemos subtender que a palavra aí faltante é a palavra amigo: “meu amigo Alberto”, “do teu amigo António”. Embora contemporaneamente este não seja um tratamento comum entre amigos, o uso de possessivos seja comum apenas no discurso amoroso, podemos estar diante de uma forma usual no momento em que esta carta foi escrita. Para avaliarmos da excepcionalidade ou não de tal forma de tratamento é preciso que saíamos exclusivamente do interior deste documento e o

¹⁰ Carta de António Nobre a Alberto de Oliveira, 10 de dezembro de 1891. In: MARQUES, Fernando Carmino. **António Nobre, em Paris, só: correspondência**. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 103.

situemos, num primeiro momento no próprio conjunto da correspondência trocada entre os dois intelectuais portugueses e, em seguida, cotejemos o discurso desta carta e desta correspondência com o discurso das cartas enviadas por Nobre a outros destinatários e, por fim, a comparemos com cartas escritas por outros autores no mesmo período, o que nos permitirá avaliar se estamos diante de uma singularidade ou de uma regularidade discursiva, se estamos diante de uma ruptura com as regras que regem o gênero epistolar quando se trata de cartas entre amigos ou ela apenas observa estas regras, tal como estão delineadas neste momento.

Da volumosa correspondência trocada entre Nobre e Oliveira, neste período, pouca coisa veio a público, fato significativo que comentaremos mais adiante. Guilherme de Castilho quando estava realizando a pesquisa para escrever a biografia de António Nobre fez uma visita a Alberto de Oliveira, na sua casa do Largo do Rato, em Lisboa, pouco tempo antes de sua morte. Ele conta que após falar comovidamente sobre o amigo de outrora, Alberto se dirigiu a um armário antigo de onde retirou o que Castilho chama de “precioso tesouro”: muitas dezenas de cartas e cerca de duas centenas de postais, além do diário que Nobre escrevera, composto de inúmeros bilhetes.¹¹ Desta documentação tornaram-se públicas apenas dezoito cartas, treze escritas já em Paris e cinco escritas ao longo da viagem entre Portugal e França, a bordo dos navios “Britânia” e “Sintra”. Mesmo sendo um pequeno extrato da correspondência que enviou ao amigo, ela é bastante volumosa e significativa se compararmos ao restante da correspondência deixada por Nobre. Podemos afirmar, sem nenhuma dúvida, que Alberto de Oliveira foi o principal destinatário da correspondência de António Nobre quando de seu período de ausência de Portugal. Nem mesmo para seu pai, avô ou irmão Nobre escreveu tanto como o fez para seu amigo. Ao cotejarmos, inicialmente, apenas numericamente as cartas trocadas por Nobre entre distintos destinatários, Alberto de Oliveira aparece indiscutivelmente como aquele de sua preferencia, o que nos leva a supor que também seria muito especial o tipo de vínculo afetivo que ligava o poeta de Só¹² ao autor de **Palavras Loucas**¹³. Esta sensação de excepcionalidade se reforça quando passamos a cotejar o próprio conteúdo desta correspondência. Comparando as cartas escritas por

¹¹ CASTILHO, Guilherme de (Org.). **António Nobre: correspondência**. Lisboa: INCM, 1982, p. 10.

¹² NOBRE, António. **Só**. Paris: León Vanier Editor, 1892.

¹³ D'OLIVEIRA, Alberto. **Palavras Loucas**. Coimbra: França Amaro, 1894.

Nobre para Oliveira com aquelas dirigidas a outros destinatários podemos afirmar, como também o faz Fernando Carmino Marques, que para nenhuma outra pessoa, nem mesmo para seus familiares, Nobre fala de seus sentimentos mais íntimos, de suas emoções, como o faz para seu amigo eletivo.¹⁴ Com toda segurança, nesta altura da análise, podemos afirmar que, levando em conta a correspondência escrita por Nobre quando estava em Paris, a nenhuma outra pessoa, nem mesmo ao seu avô e pai o poeta dedicou um sentimento tão especial e demonstrou tanta intimidade e proximidade como o faz em relação a Oliveira. Que Alberto foi objeto de um afeto excepcional por parte de António, não resta dúvida, o que leva a que Carmino afirme que Nobre parecia só confiar em Oliveira, “a quem considerava mais do que um amigo”, embora o autor se furte a dizer afinal como Nobre então o considerava, atitude que será recorrente nos biógrafos de Nobre, aspecto que também comentaremos mais adiante.¹⁵ Tanto numericamente, como em termos de conteúdo estamos diante da excepcionalidade desta correspondência trocada entre os dois escritores portugueses.

Mas agora nos debruçemos sobre o conjunto desta correspondência e vejamos se é recorrente a forma de tratamento utilizada por Nobre em sua primeira missiva. Acompanhando esta correspondência vemos que à emoção da separação, que o leva a escrever a carta que estamos analisando, e ao entusiasmo com a chegada a Paris, segue-se um progressivo desencanto com a grande metrópole, um processo crescente de estranhamento e isolamento, que se plasmará nos poemas que comporão seu único livro, significativamente intitulado **Só**. Este sentimento de solidão não parece advir apenas, no entanto, de seu sentimento de desarraigo diante de seu quase exílio no exterior e a sua incapacidade de estabelecer laços de amizade na grande metrópole francesa, mas principalmente pelas mudanças que parece sentir no comportamento daquele que deixara em Lisboa. A correspondência nos permite entrar em contato com um António Nobre que vai passando da devoção e da adoração ao santo púbere deixado em Portugal a um correspondente cada vez mais queixoso com o amigo, a quem acusa de só valorizar e se preocupar com a sua própria carreira literária, não prestando a atenção devida aos sofrimentos morais, que vão também se tornando físicos, do amigo parisino. Este processo de progressivo afastamento entre os amigos até a ruptura definitiva provocada

¹⁴ MARQUES, Fernando Carmino. **António Nobre, em Paris, só: correspondência**. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 8.

¹⁵ Ibid.

por Nobre é acompanhada por uma significativa mudança nas formas de tratamento presentes na correspondência. Àqueles “meu Alberto” e “teu António” vão suceder com o passar do tempo o “teu irmão”, o “teu amigo”, até desaparecerem os possessivos, restando simplesmente “Alberto” e “António”. Na carta de rompimento, escrita no início de 1893, toda proximidade demonstrada no início da correspondência se esvaiu, ela é então iniciada pelo fria referência ao “Sr. Alberto de Oliveira” e como fechamento o distante, formal e quase comercial “eu abaixo assinado António Nobre”.¹⁶ Portanto, nos parece legítimo afirmar que, pelo menos da parte do poeta António Nobre havia um sentimento em relação àquele que chama de amigo de uma grande intensidade e que vai se transformando em irritação, rancor e ressentimento à medida que o tempo passa e que este sentimento não encontra reciprocidade da parte do amigo lusitano. Os amos, as constantes queixas, as reclamações, as admoestações que encontramos nas cartas de Nobre, nos permitem afirmar que houve um progressivo distanciamento entre os dois amigos e isto afetava de forma profunda ao poeta. Às vezes nos parece que Nobre é atormentado pela própria incerteza sobre a natureza de seus sentimentos, por não conseguir dizê-los ou explicá-los ao amigo, que parece recriminá-lo pelas cobranças que faz (infelizmente não dispomos das respostas de Alberto para sabermos como este reagiu às queixas e cobranças de seu amigo de Paris, apenas podemos intuir pelas respostas do próprio Nobre). Embora os conceitos de homossexual e homossexualidade já estivessem em circulação e, no momento em que os dois amigos vivem e produzem suas obras, esta temática estivesse inclusive ganhando foros literários, embora que não ainda com o uso destes termos, Nobre parece usar o conceito de Amizade para nomear o que sente porque não dispõe de outro, pelo menos um que ele julgue fazer jus à natureza do seu sentimento.¹⁷ O uso de noções como sodomia, pederastia, inversão, anormalidade, que era comum ao ser referidos estes tipos de práticas ou desejos, neste período, deveria parecer não só impróprias como ultrajantes para nomearem o tipo de sentimento superior que julgava sentir por seu amigo.¹⁸ Por seu turno Alberto parece não entender que dadas

¹⁶ Fernando Carmino Marques manifesta a mesma opinião, ver: MARQUES, Fernando Carmino. **António Nobre, em Paris, só: correspondência**. Porto: Edições Caixotim, 2005, p 9.

¹⁷ Para uma história dos conceitos de homossexual e homossexualidade ver: NAPHY, William. **História da Homossexualidade**. Lisboa: Edições 70, 2006.

¹⁸ Nobre em uma carta escrita para Alberto de Oliveira, ao falar sobre os poetas “decadentistas” de Paris assim se refere à pederastia: “Para se ser ‘decadente’ é necessário se viver uma vida abjeta, como o grego Moréas a leva por cá, que dizem ser um pederasta e outras coisas de lama”. Carta de António

exigências e cobranças fossem feitas por um amigo, embora um amigo excepcional como era o poeta do **Só**. Numa carta bastante magoada, Nobre chega a falar que tomou a decisão de acabar com “isto”, mas não deixa claro o que significa este isto. Vale a pena transcrever parte desta carta que parece anunciar uma ruptura, que no entanto ainda não ocorre dessa vez, ruptura que se daria por estas assimetrias entre o que sentia Nobre e o que sentia Oliveira, a incapacidade que o poeta dizia ter em fazer o amigo compreender o que ele sentia. Mas será que ele mesmo o compreendia? Às vezes nos parece que não, parece faltar vocabulário, palavras para o expressar, palavras que não fossem contaminadas moralmente como aquelas que evitava. Vejamos parte da carta:

E sabes o que resolvi? O seguinte: acabar com “isto”. Refleti muito. Impossível compreenderes o que eu quero. Impossível. Não há mais tentativas.

E continua mais abaixo:

Portanto, o que devo concluir eu daqui? Uma das duas (vá sem adjetivos): ou que não sentes o que eu sinto, tens a insensibilidade de Pedra diante de meus soluços ou não acreditastes naquelas palavras e as tomaste por retórica, por mentiras, por efeitos emocionais, convencido de que eu “jouait la comédie”. Aqui (não penses sequer em dizer o contrário), não há fugir. Nem mesmo a estupidez (que não possuis) te poderia salvar. Fizeste-me crer... olha, não digo, - mil coisas.¹⁹

Embora não defina o que é “isso” que havia entre ele e Alberto para ser acabado, havia algo, portanto, algo que era do plano do afeto, do sentimento, pelo menos isso dá para termos certeza pois o poeta se queixa que o outro parecia ser insensível diante do que sentia, que era tão forte que lhe levava ao soluço, à dor. Nobre também levanta a hipótese de que o outro não tivesse acreditado em dadas palavras que lhe havia dito, não sabemos se pessoalmente ou por carta, palavras que dá para supor que continham a confissão de seus sentimentos. Além disso ficamos sabendo também que Alberto o fez crer em algo, em mil coisas que não são claramente nomeadas, possivelmente no plano do sentimento também. Neste trecho da carta há significativamente uma reticências, que não sabemos se é do próprio autor ou estão aí colocadas para denotar que uma parte foi suprimida quando a carta foi preparada para publicação. No momento em que Nobre vai dizer em que Alberto o fez acreditar ou ele mesmo ou outra pessoa censurou a explicitação

Nobre a Alberto de Oliveira, 25 de novembro de 1891. In: MARQUES, Fernando Carmino. **Antônio Nobre, em Paris, só**: correspondência. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 60.

¹⁹ Ibid.

dessa crença. As próprias palavras que Nobre havia dito a Oliveira e nas quais ele não teria acreditado, se foram ditas por carta, não chegaram até nós, possivelmente destruídas pelo seu caráter comprometedor.

Passado apenas um ano que chegara a Paris, Nobre, em uma das cartas dirigida a Oliveira, faz a seguinte afirmação: “Ouve: tens sim muitos pecados para comigo, não és tão puro como a um ano”,²⁰ ou seja, a própria pureza do amigo começa a ser questionada, e a palavra pecado aparece pela primeira vez nesta correspondência, mas para designar o que parecem ser desatenções de Oliveira em relação ao amigo distante. Oliveira parece ir adquirindo contornos mais humanos à medida que o afastamento emocional vai se dando, que o desejo de fusão vai sendo frustrado. A alteridade vai se impondo ao desejo de identidade absoluta do primeiro momento. Nobre vai se dando conta de sua própria condição solitária e da condição solitária do ser humano. As diferenças que o separavam de Alberto de Oliveira vão se tornando mais nítidas e seu sofrimento e decepção com este processo de distanciamento são perceptíveis em seus escritos. Fernando Carmino Marques avalia desta maneira as reações que Nobre manifesta em sua correspondência com Alberto de Oliveira:

Este desespero parece-nos contudo uma auto-encenação na qual António Nobre, para chamar a atenção, é ao mesmo tempo encenador e ator. Apiedando-se de si, o autor do *Só* tentava despertar a compaixão do destinatário. Numa carta sobremaneira reveladora do seu caráter, o poeta acusa o amigo querido de indiferença, de ser um literário, isto é, de não ter sentimentos. Nobre acrescenta, nessa mesma carta, que Alberto de Oliveira só via e entendia a realidade pelo prisma da arte: “Olha, ontem achavas bizarro o meu atropelamento no Boul’Mich. Foste o único [...] És um literato, sabes? Nada mais: em tudo vês Arte”.²¹

Para entendermos melhor o que se passa nesta correspondência é necessário então que a situemos inicialmente na própria história da relação entre Nobre e Oliveira, é preciso que, lançando mão de informações biográficas, procuremos entender esta relação no contexto da vida dos dois personagens, para, por fim poder situá-las num contexto histórico mais amplo e podermos avaliar não só o significado desta relação afetiva, se possível o seu caráter, mas também o significado desta própria escrita epistolar.

²⁰ Carta de António Nobre a Alberto de Oliveira, 10 de dezembro de 1891. In: MARQUES, Fernando Carmino. *António Nobre, em Paris, só: correspondência*. Porto: Edições Caixotim, 2005, p. 103.

²¹ *Ibid.*, p. 14.

Antônio Nobre e Alberto de Oliveira se tornaram amigos ao se conhecerem em Coimbra, no ano de 1888, quando o poeta tinha, como já vimos, vinte e um anos e Oliveira apenas quinze anos. Conviveram por dois anos até a partida de Nobre para Paris. Portanto, quando essa correspondência se inicia o poeta está com vinte e três anos e o amigo apenas completara ou iria completar dezessete anos. Nas várias vezes em que falou sobre sua relação com Antônio Nobre, Alberto de Oliveira define como sendo de “fascinação magnética” o seu estado diante daquele que já contava com certa fama de poeta. Nestas falas Oliveira faz questão de justificar sua proximidade e amizade por Nobre como sendo fruto do interesse mútuo pelo campo literário, o que parece se coadunar com o que será uma das admoestações feitas pelo poeta ao amigo: o fato dele só se interessar por arte e literatura. No cruzamento desta falas parecemos estar diante da afirmação de um desencontro de interesses, mais do que de encontro, como parece fazer crer Oliveira: na fala magoada de Nobre podemos ler que Oliveira não presta atenção nele como pessoa, tal como gostaria, Oliveira vê nele apenas o poeta, o literato, alguém que para o ainda adolescente não só poderia iniciá-lo nos mistérios da arte como facilitar o seu acesso ao mundo das letras, o que parece ambicionar. Nobre parece se queixar de que há entre ambos expectativas diferentes quanto a própria relação que os une. Oliveira havia sido incapaz de mostrar qualquer preocupação com o fato do amigo ter sofrido um atropelamento, o seu corpo, a sua vida concreta parecia não interessá-lo, fazendo do episódio imediatamente um acontecimento ou um episódio literário.

Se não temos a correspondência trocada por Oliveira com Nobre, temos suas entrevistas, nas quais quase inelutavelmente tinha que responder sobre sua amizade com Nobre, o poeta malgrado por uma morte prematura, vitimado pela tuberculose. Nestas oportunidades define o sentimento que os uniu como sendo uma “amizade amorosa”, fazendo sempre questão de frisar “no mais espiritual e puro sentido da palavra”. A própria insistência com que tinha que responder sobre a natureza de seus sentimentos em relação ao amigo morto e, supomos, tendo conhecimento dos rumores e insinuações que circulavam sobre este momento de sua vida que, façamos justiça, nunca deixou de valorizar, faz com que o discurso de Oliveira seja quase sempre defensivo. Ele se defende claramente de que sua relação com Nobre possa ser considerada impura e que tenha envolvido mais do que o espírito, embora não a defina como uma simples amizade, mas como uma “amizade amorosa”, sem que precise qual o significado que dá a esta expressão, e o que particulariza, que formas concretas assume um tal sentimento. Apenas

ressalta que devemos vislumbrar o sentido puro e espiritual desta expressão, o que nos permite supor que a mesma expressão poderia recobrir outros sentidos, podia se referir a relações não tão puras ou não tão espiritualizadas. As falas de Oliveira não deixam dúvida de que paira uma suspeita no ar sobre a natureza de sua relação com Nobre, e neste caso ela teria envolvido a realização de algo que não era puro e que seria carnal. A negação, em certas circunstâncias, chama a atenção para o que tenta negar.

Numa destas entrevistas, tentando mais uma vez explicar o que lhe interessou no poeta António Nobre, o que o fez se tornar o seu amigo íntimo e inseparável, passando dias inteiros juntos, acompanhando-o em suas férias na praia do Leça, no verão de 1889, sendo um frequentador assíduo da torre de Anto, onde morava o poeta, Oliveira diz:

Em Coimbra, convertido de repente em rapaz, mas com a aparência de menino, só me atraíam os estudantes mais velhos do que eu, e entre esses recrutei os meus primeiros amigos. António Nobre foi logo um deles. Nele me seduzia e fascinava o poeta, de que seu aspecto físico era um espelho fidelíssimo. Já à volta do seu nome formavam lendas e anedotas. As modificações engraçadas que introduzira na capa e batina, o gorro clássico, desusado, por arcaico, e que na sua cabeça anelada se reabilitara instantaneamente, parecendo atrevida carapuça de campino ou poveiro, os seus livros de aula, encadernados a rouge et noir, como o título estranho de Stendhal – tudo me atraía para ele. Calculo com que olhos ávidos lhe falei, com que entusiasmo irreprimível o ouvi, como ele adivinhou logo em mim o admirador sem limites, o súdito já incondicional de sua nascente realeza.²²

Tendo mais uma vez que justificar o porquê de um rapazote de quinze anos ter se tornado amigo de um homem mais velho, de um adulto, do porquê de sua convivência tão próxima e constante com o poeta do **Só**, Alberto de Oliveira afirma o seu interesse generalizado por pessoas mais velhas, não constituindo seu interesse por Nobre em uma exceção. Mas a estratégia mais frequente que utiliza e que vem sendo corroborada pelos próprios biógrafos de António Nobre é a da infantilização da própria figura do amigo. A amizade entre os dois se justificaria pois embora houvesse uma diferença entre eles quanto a idade cronológica o mesmo não ocorria no que concerne a idade mental ou emocional. A forma bizarra com que Nobre se vestia, seu comportamento excêntrico, que se coadunava com a própria imagem social que se fazia dos poetas, não só serviu de atrativo para o rapazola interessado em coisas das letras, como demonstra o comportamento infantilizado ou impróprio para um adulto por parte do próprio Nobre.

²² Trecho de entrevista concedida por Alberto de Oliveira citada por: CASTILHO, Guilherme de (Org.). **António Nobre**: correspondência. Lisboa: INCM, 1982, p 21.

Guilherme de Castilho vai afirmar que o distanciamento entre os dois amigos, as queixas feitas por Nobre em sua escrita, a acusação de que o amigo já não era mais puro, têm a ver com o fato de que Oliveira vai se tornando adulto, à medida que os anos passam, o que não ocorre com o poeta de cabelos anelados. Subjetivamente Anto continuou sendo uma criança, um adolescente, que viu seu principal amiguinho crescer, se tornar adulto. Só não podemos saber ou afirmar que brincadeiras fizeram enquanto eram crianças e se deixaram de fazê-las ao crescer. Conseguindo sucesso na vida literária, como desde cedo ambicionara, Alberto do Oliveira assume a condição de adulto, deixa o lugar de devoto do poeta, embora tenha permanecido sendo grato a ele e reafirmando sua eterna amizade, notadamente depois que ele morre bastante prematuramente. Ele explicava, ainda nesta mesma entrevista, em que se baseava a amizade, aparentemente invulgar, entre dois homens de idades diversas:

Baseava-se ela, por meu lado, na fascinação magnética que sobre mim exercia aquele homem tão diverso de todos os outros meus conhecidos, e na fé absoluta que me inspirava o seu gênio poético, aliás, mais latente que patente, pois só se revelara em intermitentes e fragmentários versos que são, comparados com os que vieram a figurar no *Só*, como o balbuciar hesitante, embora já expressivo, duma lira incipiente. E justificava essa amizade, da parte de Antônio Nobre, o reconhecimento que lhe causava a minha uniforme e eletrizada dedicação, o prazer que experimentou em ver-se assim admirado, assim estremecido, assim divinizado – se não é excessiva esta palavra – e sem dúvida também o que devia haver de simpático e carinhoso na minha, apesar de tudo, ingenuidade, inexperiência e candura infantilíssimas, muito embora já penetradas de inesgotáveis leituras e duma exaltação mental e sentimental que, aos meus olhos de hoje, me parecem fenômeno de pouco frequente, e até pouco recomendável espécie, em tão tenra idade.²³

É interessante notar que nesta fala de Oliveira a dessimetria entre o que motivava a amizade entre os dois parece ser reafirmada. Enquanto ele diz ser movido por motivos literários (tal como acusara o próprio Nobre), pois o que lhe chamara atenção em Nobre era ser ele um ser excepcional, por causa de seu comportamento, mas principalmente por este comportamento excêntrico estar ligado a seu gênio poético, que ele fora capaz de divisar, mesmo que na época em que se conheceram e em que conviveram Nobre pouco tivesse publicado ainda, Nobre parece ter se interessado por ele por motivos extraliterários. Chamara a atenção do poeta a dedicação que o amigo lhe devotava, o

²³ Trecho de entrevista concedida por Alberto do Oliveira e citada por: CASTILHO, Guilherme de (Org.). **Antônio Nobre**: correspondência. Lisboa: INCM, 1982, p. 22.

prazer (e finalmente esta palavra aparece na descrição desta relação, mas para se referir a um prazer espiritual, mesmo que também diga que o amigo fora por ele estremecido) que lhe infundia sua admiração, a quase divinização de que este era objeto por parte do amigo rapazola. Novamente o uso de um conceito que remete ao sagrado - e ele chega a pôr em dúvida a adequação desse termo por excessivo -, para definir a relação entre ambos, agora vindo de parte de Oliveira. Mas ele também admite que Nobre admirou nele sua simpatia, sua forma carinhosa de tratá-lo, sua ingenuidade, sua inexperiência e sua candura quase infantil, sua excitação (e esta palavra também faz entrada na explicação dessa relação) mental e sentimental, que Oliveira já adulto admite ser pouco frequente na idade que tinha à época e pouco recomendável. Enquanto Nobre teria chamado sua atenção enquanto sujeito literário, sendo esta atração mais da ordem do espiritual, eis que o próprio Oliveira admite que o poeta se sentira atraído por ele por motivos que iam além deste plano. Creio pouco convincente a explicação que Oliveira dá para sua atração por Nobre. Poeta de um livro só, escrito justamente quando da sua estada em Paris e, como afirma Guilherme de Castilho, tendo ele sido produzido como resultado da crise afetiva que o afastamento do seu país, de sua família, mas principalmente de seu amigo lhe produziu, nos parece pouco provável que tenha sido o gênio de poeta que tenha chamado atenção de Oliveira, pelo menos apenas isto. O próprio Oliveira diz que o gênio poético de Nobre, nesta época, era mais latente que patente, tendo apenas produzido até então manifestações fragmentárias e muito distantes de sua lira futura, sendo ainda um poeta hesitante e incipiente, portanto nos permitindo duvidar da explicação dada por ele. Sabemos que a figura bizarra que era Nobre, seu comportamento pouco convencional foi motivo também de ter despertado a atenção do adolescente. Que outras bizarrices podia haver no comportamento de Anto, para além de sua capa surrada e sua carapuça de campônio, que atraíram o cacheado jovem de quinze anos? Talvez nunca saibamos, já que a documentação desta relação foi em grande medida destruída. O arquivo que registrou a relação entre António Nobre e Alberto de Oliveira, por ser de caráter íntimo, foi submetido a inúmeras operações de seleção, de rasura e de destruição antes que uma parte muito diminuta dele se tornasse público. Isto inviabiliza avançarmos na análise muito mais do que já fizemos aqui. No entanto, os percalços deste próprio arquivo, a análise das operações a que foi submetido, dos usos que dele foi feito até então, pode nos ajudar a avançar um pouco mais na direção de saber afinal qual a natureza da relação afetiva que uniu estes dois personagens destacados da vida intelectual portuguesa e, mais importante do que isso, podermos

avaliar o contexto de produção e circulação desse arquivo, o significado deste tipo de arquivo e fonte para o trabalho do historiador e, mais particularmente, o sentido que estas operações de silenciamento de dados textos, de apagamento de dados arquivos podem ter quando se trata de discutir as relações de gênero na história portuguesa e no mundo contemporâneo. Como e até que ponto não só o desaparecimento mas a própria produção destas fontes que materializam uma dada escrita de si interditam o dizer e o ver de dadas experiências no campo do uso dos corpos e do uso dos prazeres? É o que faremos no último segmento deste texto.

As cartas, os diários são juridicamente considerados documentos privados, escritos íntimos, cuja publicidade não é obrigatória, dependendo de um gesto de vontade de quem detenha o arquivo para que este venha à luz. No caso das cartas, muitas vezes, a própria discussão sobre quem detém o direito de divulgação, se o remetente, aquele que escreveu as cartas, ou o destinatário, aquele para quem elas foram dirigidas, gera controvérsias, que pode ir parar nos tribunais. Este tipo de arquivo, dado seu caráter privado, pode facilmente vir a desaparecer, seja pela vontade expressa de quem o detém, seja pela incúria com que costumam ser tratados pelos herdeiros os espólios de grande número de personalidades artísticas e literárias. Quando são publicados, costumam passar por uma seleção em que as cartas, que por ventura possam vir a macular a memória de personagens ali referidos ou aos quais pertenceu a correspondência, são destruídas ou mantidas em privado, quando não sofrem processos de rasura, de apagamento de determinados nomes, palavras, expressões até de trechos inteiros. Como todo arquivo, as operações de produção de um arquivo epistolar podem ser tomadas como gestos significativos para o entendimento de dados códigos de pudor, de moralidade, éticos, políticos, que funcionaram em um dado período. A elaboração do arquivo é também um acontecimento que pode, em si mesmo, ser do interesse do historiador.

Este arquivo composto por cerca de dezoito cartas enviadas por António Nobre a Alberto de Oliveira, entre os anos de 1890 e 1893, é, como já vimos, apenas um pequeno extrato do que foi esta correspondência que, como testemunhado por Guilherme de Castilho, se elevava a dezenas de cartas e a duas centenas de postais, além dos inúmeros bilhetes que compunham o chamado “diário”. Dos postais apenas um foi publicado, ainda em vida, por Alberto de Oliveira. No entanto, entre as cartas que foram publicadas está aquela que marca o rompimento entre os dois amigos. Nela, curiosamente, podemos encontrar a primeira tentativa de manipulação desse arquivo, o que podemos considerar

o primeiro gesto que o constitui enquanto tal e, ao mesmo tempo, a primeira tentativa de operacionalizá-lo. Nobre, num tom solene, que contrasta com a intimidade com que se dirigia ao destinatário, na maior parte da correspondência, exige que o Sr. Alberto de Oliveira lhe devolva a correspondência que durante um largo período de tempo lhe enviara, “as quase três mil páginas esborrachadas a tinta”, e justifica seu pedido demonstrando preocupação com a possibilidade que ela viesse a se tornar pública, pois segundo ele: “Seria a minha morte o seu conhecimento, na publicidade”, seria o que chama de sua “morte moral”.

Este gesto que constitui o conjunto de cartas como arquivo e, ao mesmo tempo, tenta dar a ele um destino, o retorno ao próprio remetente, nos faz pensar que não estamos diante de uma correspondência comum, ela tem um significado especial para quem a enviou. Como sabemos este gesto de solicitação da devolução da correspondência enviada quando de uma ruptura num dado relacionamento é mais comum e, podemos dizer, até fazer parte do ritual de rompimento de relações amorosas, da ruptura de namoros, noivados ou compromissos de casamento, sendo acompanhada, quase sempre, da devolução dos presentes trocados entre os amantes. Este gesto indicia que a ruptura da relação que mantinha com Oliveira, anunciada nesta carta, tinha para Nobre um especial significado, não nos parece a ruptura de uma simples amizade, pelo menos aos olhos de quem solicitava o retorno das cartas. Esta solicitação podia ser, inclusive, uma encenação para mostrar a gravidade e a determinação da resolução que tomava. Mas esta carta diz mais, ela nos informa que a publicação das cartas, dos postais e do diário que trocara com o “seu Alberto” lhe traria a “morte moral”. Ficamos sabendo, portanto, que a correspondência mantida entre eles revelava aspectos da relação entre os dois poetas portugueses que, possivelmente, estavam em desacordo com os códigos morais de sua época. Nobre parece, por outro lado, não confiar na discricção do destinatário, talvez por considera-lo capaz de qualquer gesto para conhecer a fama literária ou por julgar que, ao não partilhar o mesmo sentimento, expectativas ou desejos que moviam o poeta do **Só**, o autor de **Palavras Loucas** pudesse publicizar o que Nobre não desejava que fosse público. Ou seja, tudo o que podemos dizer, de certeza, é que havia algo a esconder, algo fora dito nestas cartas que feria a moralidade pública, tal como a avaliava o remetente da correspondência. Não devia ser um simples pecadilho, pois estes não teriam o condão de provocar a “morte moral” de alguém.

Como sabemos, Alberto de Oliveira não atendeu ao pedido de António Nobre. Ele se julgou no direito, como destinatário da correspondência, a guardá-la consigo. Contrariando as expectativas, os receios e as dúvidas de Anto, Oliveira não devolveu e não tornou pública a correspondência, a guardou na gaveta de um armário, durante toda a sua vida, demonstrando que ela tinha também uma grande significação para ele. Tendo morrido quarenta e sete depois de ter recebido esta carta de Nobre (em 1940) e quarenta anos depois que ele se fora (em 1900), vitimado pela tuberculose, Oliveira guardou por todo este tempo, trancado em uma gaveta, esse verdadeiro “tesouro”, nas palavras do biógrafo de Anto. Já das cartas enviadas por Oliveira a António Nobre não se sabe o paradeiro ou o destino que tiveram. Podem ter sido destruídas pelo próprio Nobre, neste momento de ruptura, como um gesto de apagamento deste passado recente que possivelmente muito o fazia sofrer ou como um gesto de precaução dado o conteúdo que, quiçá, se viesse a se tornar público o comprometesse moralmente tanto quanto a seu amigo. Tendo retornado de Paris já doente, padecendo de um mal que sabia incurável e mortal, vendo aproximar-se seu fim, pode ter sido neste momento que resolveu destruir essa correspondência que julgava comprometedora. Uma última hipótese, e neste caso só hipóteses podemos aventar, seria a de que a correspondência possa ter sobrevivido a Anto, mas tenha sido destruída propositalmente por seus familiares, que nela também viram uma ameaça à reputação moral de seu ente querido recém falecido ou mesmo tenha desaparecido pela mera incúria de seus parentes, o que nos parece menos provável.

Devemos a Guilherme de Castilho, que escreveu a mais conceituada e reconhecida biografia de António Nobre, não só a publicação deste pequeno extrato de sua correspondência, como maiores informações sobre os percalços e os percursos que este arquivo teve que percorrer para chegar a se tornar público. Quando visitou Alberto de Oliveira, Castilho parece não só ter visto a correspondência, como parece ter tido a permissão para lê-la, acontecimento que será decisivo para que pelo menos uma pequena parte dela tenha sobrevivido. Ele relata na apresentação que faz para o livro em que se dá a publicação das cartas parte da conversa que mantivera naquele dia com Oliveira, relato que nos permite saber de outras operações pelas quais passou esse arquivo, acontecimentos também importantes para o que se vem discutindo aqui. Sabemos que Oliveira falou ainda com comoção do poeta morto e disse de sua intenção de vir a publicar, se “Deus lhe desse vida e saúde”, os postais que lhe foram enviados de Paris por Nobre, acrescentando, segundo Castilho, que:

eram documentos tão íntimos, o seu tom de tal forma confidencial que só os divulgaria em parte e com notas suas aclarando passagens de mais delicada interpretação, decifrando o que em muitos passos era quase linguagem cifrada, revivendo memórias e reconstituindo ambientes inteiramente delidos pelo tempo.²⁴

Sabemos, também, que essa intenção de publicação dos postais, mesmo que fosse apenas parte deles, acompanhados de notas explicativas, nunca foi concretizada, talvez porque o autor de **Palavras Loucas** não tenha tido o tempo de vida e a saúde que pedira a Deus. Mas podemos também duvidar da verdadeira intenção de fazer público este arquivo. Mais uma vez, sendo crível o depoimento de Castilho, estamos diante da afirmação de que algo de muito delicado estava presente nesta correspondência. Mesmo tendo Nobre morrido havia quase quarenta anos, Oliveira considerava que esta correspondência continha trechos de “delicada interpretação” e passagens escritas em “linguagem quase cifrada” que exigia para tornar-se pública ser acompanhada de notas explicativas que teriam, evidentemente, a função de dirigir o leitor na direção de uma dada interpretação. Sem falar no fato de que apenas parte dela seria publicada, o que nos leva a concluir que havia, nesta parte da correspondência trocada entre os dois, revelações tão íntimas e confidenciais que inviabilizariam sua publicação. Se cruzarmos os receios explicitados por Nobre em sua última carta, com essa confissão de temores por parte de Oliveira, não resta dúvida de que podemos afirmar que a relação entre estes dois homens de letras envolveu emoções, sentimentos, desejos, quem sabe práticas, gestos, que eram impúblicáveis, por atingirem a reputação, a memória, o nome daqueles que dela foram personagens. Estamos diante de uma operação de silenciamento, de apagamento de uma dada memória, uma operação de seleção do que pode e deve ser lembrado e do que não pode ou deve ser lembrado, do que pode se tornar público e do que não pode se tornar público.

Através de Castilho ficamos sabendo, também, que Alberto de Oliveira falara especificamente sobre a publicação dos postais, porque a publicação das cartas havia confiado ao irmão de António Nobre, Augusto Nobre, a quem, a pedido deste, as entregara para que fossem copiadas e posteriormente devolvidas. Tendo tido oportunidade, como vimos, de ler as cartas, Castilho se diz escandalizado ao ter acesso às provas tipográficas do livro do irmão do poeta, pois ele apresentava um número tão

²⁴ CASTILHO, Guilherme de (Org.). **António Nobre**: correspondência. Lisboa: INCM, 1982, p. 10.

grande de erros que desfiguravam completamente a correspondência. Neste passo ficamos sabendo também que entre o período que as cartas estiveram para cópia na mão de Augusto Nobre e a saída do livro, um lapso de cerca de três anos, Alberto de Oliveira veio a falecer, deixando um pedido expresso para que sua família queimasse toda a correspondência de Nobre, incluindo o chamado “diário”. Desaparecia assim entre chamas, virava cinzas esse arquivo que parecia tão explosivo, arquivo que, mesmo antes de ser devorado pelo fogo, parecia queimar na mão e na consciência de quem o constituiu. Embora precioso e significativo, pois foi mantido apesar de tudo, dos riscos que implicava mantê-lo, por toda uma vida, escondido sob as sombras da gaveta de uma armário trancada a chaves, dentro de grandes envelopes de papel pardo, termina por morrer junto com o seu portador, levando consigo, em sua mudez de cinzas segredos que nunca poderiam ou deveriam ser revelados.

Mas sabemos que pelo menos por duas vezes estes escritos saíram do armário em que estiveram escondidos e encerrados. Estes dois momentos em que vieram à luz foi o suficiente para que uma réstia pálida de seu conteúdo tenha chegado até nós. Diante dos erros grosseiros apresentados pela versão das cartas a ser publicadas por Augusto Nobre, diante do fato de que os originais já não mais existiam, Guilherme de Castilho resolve consultar os originais das cópias feitas pelo irmão do poeta na esperança de que elas não contivessem tantos erros, contando com o fato de que tendo ele realizado este trabalho havia três anos, quando suas faculdades intelectuais ainda não estavam tão comprometidas, tivesse sido mais preciso ao copiar as cartas. Supomos, pois não temos nenhuma informação sobre isso, que Alberto de Oliveira não entregou ao irmão de Nobre todas as cartas, possivelmente tenha feito uma seleção prévia deixando de fora as mais “delicadas”. O que sabemos, pois assim afirma Castilho, é que Augusto Nobre deixou de copiar muitas cartas, por não considerá-las apropriadas para publicação. Embora as cópias fossem muito melhores do que a versão que delas estava pronta para ser publicada, pois apresentava apenas “algumas incorreções que deixavam menos claro o sentido de um período ou outro período” e “alguns espaços que a falta de paciência do copista deixava em branco”, sendo um texto mais limpo, Castilho percebe que longos períodos haviam sido suprimidos sem que fosse sequer sinalizado que isso ocorrera. Ou seja, o tempo todo este arquivo vai sendo desfigurado ou mesmo configurado por uma série de operações de censura e de silenciamento, de obliteração de alguma coisa ali presente, materializada por estas cartas, dita e figurada por estes escritos, coisa que ainda causava incômodo, repulsa,

vergonha, medo, pudor, ou sabe-se lá que sentimento que levava a que tivesse que ser definitivamente apagada, transformado em um não dito, em um não visto, atirada para a condição de não existente, mesmo passados quarenta anos de seu acontecimento. Algo de muito grandioso seja em sua fama ou em sua infâmia guardavam estas cartas, estes postais, este diário para que merecessem tanta atenção dos diferentes censores. Algo de censurável aí se passou, disso podemos ter toda a certeza.

Guilherme de Castilho, que acaba por ser o editor definitivo das poucas cartas que foram copiadas, dada a morte do irmão de Nobre, ainda as submete a toda uma operação de correção que ele assim descreve:

No meu exemplar de Leça da Palmeira, cuja impressão entretanto estava concluída, corriji eu então, linha por linha, página por página, com o cuidado e a devoção de quem tem o valor do trabalho que está realizando, todos os erros que encontrei, ao mesmo tempo que enchia as margens do volume com os cortes a que Augusto Nobre as submetera, umas vezes por razões compreensíveis mas talvez não justificáveis, outras vezes, é evidente, por mera intenção.²⁵

Lançando mão apenas da memória, pois lera as cartas na casa de Alberto de Oliveira, ele as corrige e notifica nas margens os cortes feitos pelo irmão de Nobre. Ao comentar estes cortes estabelece uma diferença entre aqueles que seriam compreensíveis, embora não justificáveis e aqueles feitos por mera intenção. Embora a diferenciação tenha um sentido um tanto obscuro, podemos perceber que Castilho, que teve acesso aos originais, também acha compreensível que o irmão de Nobre tenha querido suprimir dadas passagens das cartas. Embora não esclareça do porquê de assim considerar, o que será comum entre os biógrafos e comentadores tanto de Nobre como de Oliveira, ou seja, sugerir que a relação entre ambos se constituiu em algo de excepcional mas nunca dizer precisamente por quê. Também entre os comentadores, biógrafos e mesmo na produção acadêmica acerca destes dois personagens da vida intelectual portuguesa reina um silêncio quando se trata de definir a natureza da relação que os ligou. Parece haver um pudor, uma autocensura, no momento nomear, de definir esta relação que parece não poder dizer o seu nome. No máximo são feitas insinuações, como as que vamos encontrar na apresentação das cartas escritas pelo próprio Castilho, onde relembra da fala de Oliveira de que elas seriam impúblicáveis pela natureza pessoal e íntima de seu conteúdo e fala de que elas seriam indícios da “atmosfera em que teriam sido produzidas”. Como

²⁵ CASTILHO, Guilherme de (Org.). **António Nobre**: correspondência. Lisboa: INCM, 1982, p. 11-12

toda atmosfera, esta fica suspensa no ar, não se sabe que atmosfera é essa, o que a constitui, talvez porque se julgue que nada mais precisava ser dito para que os leitores entendessem o que queria dizer. Será assim mesmo?

Vasculhando as bibliotecas portuguesas, me concentrando neste período que vai do fim do século XIX até meados do século XX, pude constatar que este episódio de silenciamento, de censura e de destruição de arquivos epistolares envolvendo figuras do mundo das letras, notadamente envolvendo o que seriam “amizades” masculinas é bem mais frequente do que possa parecer. O caso do arquivo epistolar, do arquivo privado de António Nobre e Alberto de Oliveira não é um caso isolado. Podemos citar, só para nos atermos ao mesmo período de tempo em que ocorreu a troca de cartas entre Nobre e Oliveira, sem que possamos neste texto nos estender mais acerca do caso, as correspondências trocadas entre o poeta Cesário Verde e o jornalista António José da Silva Pinto, também destruídas. Neste caso também pulula na crítica literária, nas recessões críticas, nos livros de memórias, nos textos de biógrafos e comentadores, insinuações, não ditos, que induzem o leitor a suspeitar de que o sentimento partilhado por eles não era propriamente o de amizade. Um biógrafo de Cesário Verde chega a dizer que da parte do jornalista Silva Pinto, que parece levar toda a culpa pelo ocorrido, tendo sido um adulto a seduzir o poeta louro e adolescente, havia “um louco amor”, que talvez não tivesse conhecido o “lado impuro”, mas que o levou a considerar seu parceiro como “um bem amado insubstituível”.

O que queremos fazer notar, neste texto, é que este processo de silenciamento que começa pela manipulação, pela configuração dada aos arquivos ou mesmo por sua inteira destruição e que continua com aqueles que os publica e que os utiliza faz parte de um processo histórico, social e cultural de silenciamento, de apagamento, de desconhecimento de dadas possibilidades de se ser sujeito, de dadas práticas amorosas, afetivas e sexuais, de dadas possibilidades de configuração de identidades de gênero. Esta imposição do silêncio interdita que dadas escritas de si, que dados escritos que formulam dadas possibilidades distintas, diferentes, minoritárias de se ser sujeito amoroso e sexual possam vir a se tornar modelos que circulem e que estejam à disposição para que outros corpos, para que outros indivíduos possam assumi-los. Se o uso de cartas como documentação histórica, se o uso de arquivos epistolares é um meio de acesso a dadas figuras de sujeito e a dadas configurações de objeto, a dados eventos normalmente vinculados ao mundo privado, à vida cotidiana, que por muito tempo não tiveram

oportunidade, nem interesse de registro e arquivamento, esse uso não escapa de interdições, de proibições, de operações de censura e de silenciamento que são constitutivas de qualquer arquivo.

O que defendo neste texto é que as operações que vimos ser levadas a cabo no que tange a correspondência enviada por António Nobre a Alberto de Oliveira se destinavam claramente a um objetivo: interditar que algo pudesse ser dito e conhecido sobre quais foram os sentimentos que uniram estes dois homens, ou que pelo menos foi sentido por um deles, no caso António Nobre. Em nome da moral o próprio António Nobre é o primeiro a tentar apagar os registros do que podem ter sido sentimentos, práticas, desejos, sonhos, afetos, que iam de encontro àquilo que prescreviam os códigos sociais e culturais de seu tempo. Não sabemos sequer se dispunha de um conceito claro para dizer o que sentia, se tudo não passou de um afeto não partilhado, já que as cartas de Oliveira desapareceram totalmente (embora o gesto de guarda dessa correspondência perigosa por tantos anos me pareça eloquente quanto a reciprocidade do sentimento), que tipo de desejos partilharam e se os levaram à prática. Mas de algo sabiam: o que sentiam um pelo outro, ou pelo menos o que António sentiu por Alberto era indizível publicamente, era impúblicável, não devia ser de conhecimento público porque isso significaria a “morte moral” dele. Trocaram palavras ou pelos menos António disse a Alberto palavras, fez afirmações, disse coisas, fez-lhe confissões, muito íntimas e pessoais, que o cobririam de vergonha e acabariam com a sua reputação se viessem a público. Alberto também sabia disso ou assim pensava, pois manteve estes escritos presos no armário por muitos anos. Somente próximo de morrer deixou que eles, em duas ocasiões, pudessem sair do armário, talvez porque o contexto já fosse outro, talvez porque sabendo próximo o seu fim não resistiu em que pelo menos parte desse segredo fosse conhecido, embora também por poucos e íntimos. Mas com a sua morte, a família instruída por ele queimou definitivamente aqueles papéis que do armário foram direto para a condição definitiva de cinzas.

A hegemonia, a prevalência, a visibilidade social exclusiva de dadas maneiras de amar, de dadas maneiras de manter relações amorosas, afetivas e sexuais, de dadas maneiras de usar os prazeres e os corpos, a valorização de dadas identidades e dados comportamentos como normais, corretos, majoritários é possível por estas operações sociais e culturais de silenciamento dos testemunhos, documentos, relatos, narrativas, arquivos, registros de outras possibilidades de práticas e sentimentos, de outros modelos

de sujeito de desejo e de afeto. A manutenção da crença social de que a heterossexualidade é a orientação sexual majoritária, a construção de uma cultura heterocentrada e heteronormativa, a aceitação social de que as homoafetividades e as homossexualidades são minoritárias, anormais, desviantes, imorais, é possível porque os registros, a documentação das práticas divergentes ou são inexistentes, já que faz parte destas práticas o seu não registro, a autocensura, o apagamento dos restos e rastros que possam deixar ou quando existentes são submetidas a processos e procedimentos de censura e apagamento. A interdição de dadas escritas de si participa ativamente da interdição de dadas modalidades de identidades de gênero. As cartas pessoais, as correspondências íntimas, podem se constituir numa documentação capaz de dar conhecimento destas experiências outras, subterrâneas, feitas às escondidas, realizadas no esconderijo da vida privada, silenciadas publicamente, exatamente por escaparem, por serem de caráter privado, da censura exercida imediatamente pelo público. Mas, como tentei mostrar, nem assim elas escapam do policiamento que atravessa toda a vida social e vem se alojar e constituir a própria subjetividade de quem as escreve e de quem as recebe, de quem pratica ou sente o que elas dizem, levando a que, na maioria dos casos, sejam eles próprios a tratarem de apagar as marcas que deixaram, de empreender fogo nos registros dos sentimentos e desejos que incendiaram seus espíritos e seus corpos. É assim que a homossexualidade, que a homoafetividade torna-se aquilo cujo nome não deve ser pronunciado, torna-se um insidioso silêncio, uma página em branco, um arquivo vazio, uma experiência sem registro e sem narrativa, uma memória sem lugar, uma história impossível de ser escrita. É assim que sujeitos morrem, que amores não têm existência, que prazeres desaparecem como segredos, que os mais ruidosos dos encontros tornam-se algo que nunca aconteceu. Os amores entre dois homens ou entre duas mulheres tornam-se assim um não-dito e um não-visto, inaudível, inaudito, invisível, invivível. É assim que as palavras loucas que um dia foram escritas, ditas, vividas, sentidas, que fizeram carnes e almas estremecerem, que levaram lágrimas ou um sorriso a um rosto torneado por cachos louros, que por instantes fugidios irmanaram almas, que fundiram corpos em um abraço, que aplacaram a dor da distância, da ausência do ser amado, crepitam nas chamas da moralidade, da intolerância, da ignorância, do medo, do pudor, da censura, da recusa, da rejeição, do nojo e da reprovação, e tornam-se pó, fuligem, fumaça. É assim que em um só gesto destrói-se o registro do passado e inviabiliza-se o futuro, que num mesmo ato destrói-se a palavra e a impede de ser novamente dita e pronunciada, num só

ato rasura-se a memória e esvazia-se a história, faz com que algo que foi nunca venha a ter sido. E assim, sem memória, sem história, sem registros os personagens do presente que vivenciarem estas mesmas experiências as praticarão, as considerarão, as entenderão como sendo quase extraterrestres, as pensarão como sendo extraordinárias, únicas, fora do normal, sentir-se-ão, assim como se sentiu o malgrado poeta português, simplesmente e totalmente sós. Por isso é fundamental que esses sujeitos e estes escritos saiam dos armários afirmando assim, socialmente e historicamente, que estes amores e estes desejos, apesar de todas as proibições e todos os silenciamentos teimam em existir e em poder dizer seu nome. Os historiadores podem fazer muito nesta direção.

RECEBIDO EM: 09/03/2015

PARECER DADO EM: 15/06/2015



www.revistafenix.pro.br